

VERMELHO

Lia Chaia

Organoide

27.03–11.05.2024





10-1122
14.00
10.00
10.00





Como vai? Como vai? Como vai? 4

2023

90 x 54 cm

tinta esmalte sobre mdf e cabos de aço
[enamel paint on mdf and steel cables]

103 0391





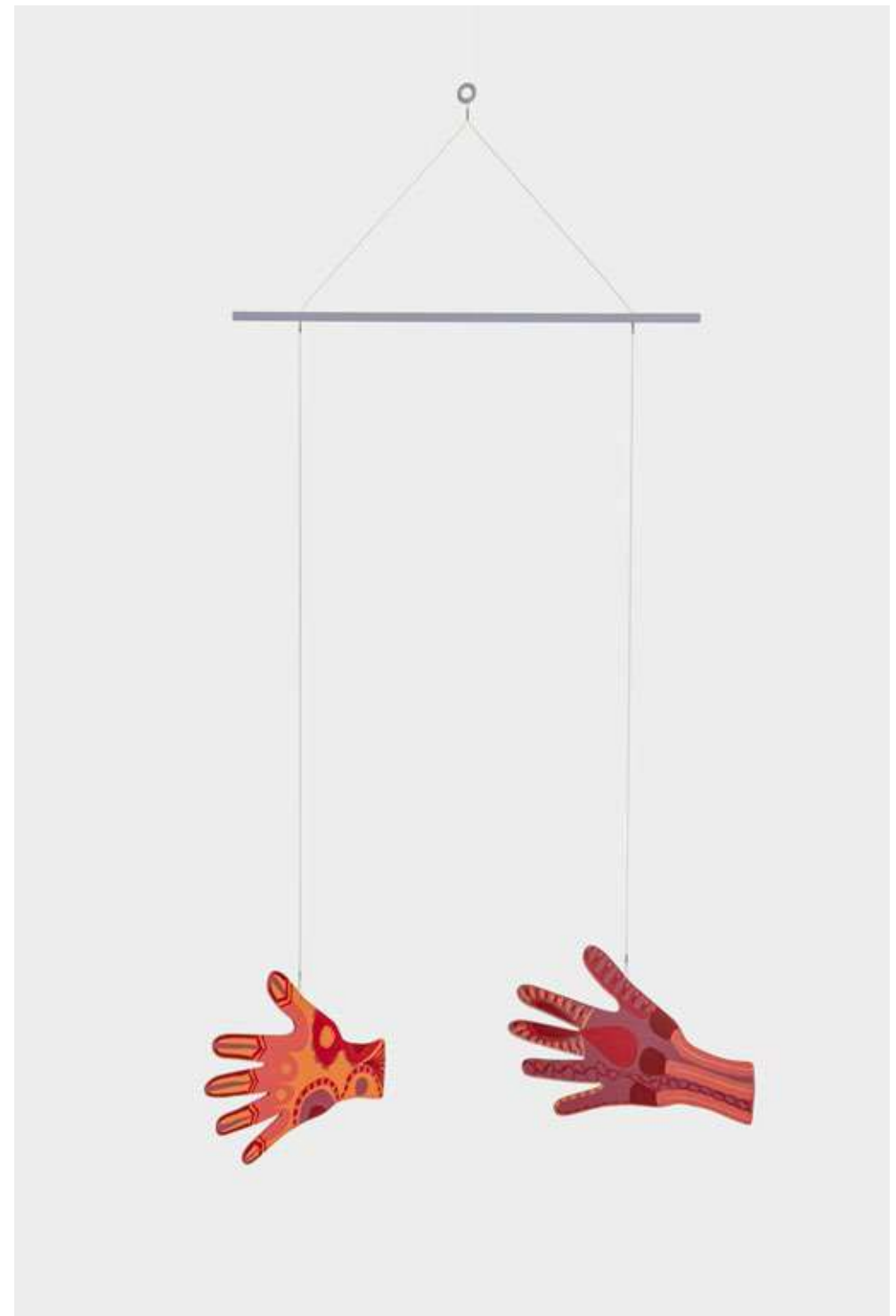
Como vai? Como vai? Como vai? 3

2023

90 x 54 cm

tinta esmalte sobre mdf e cabos de aço
[enamel paint on mdf and steel cables]

103 0391





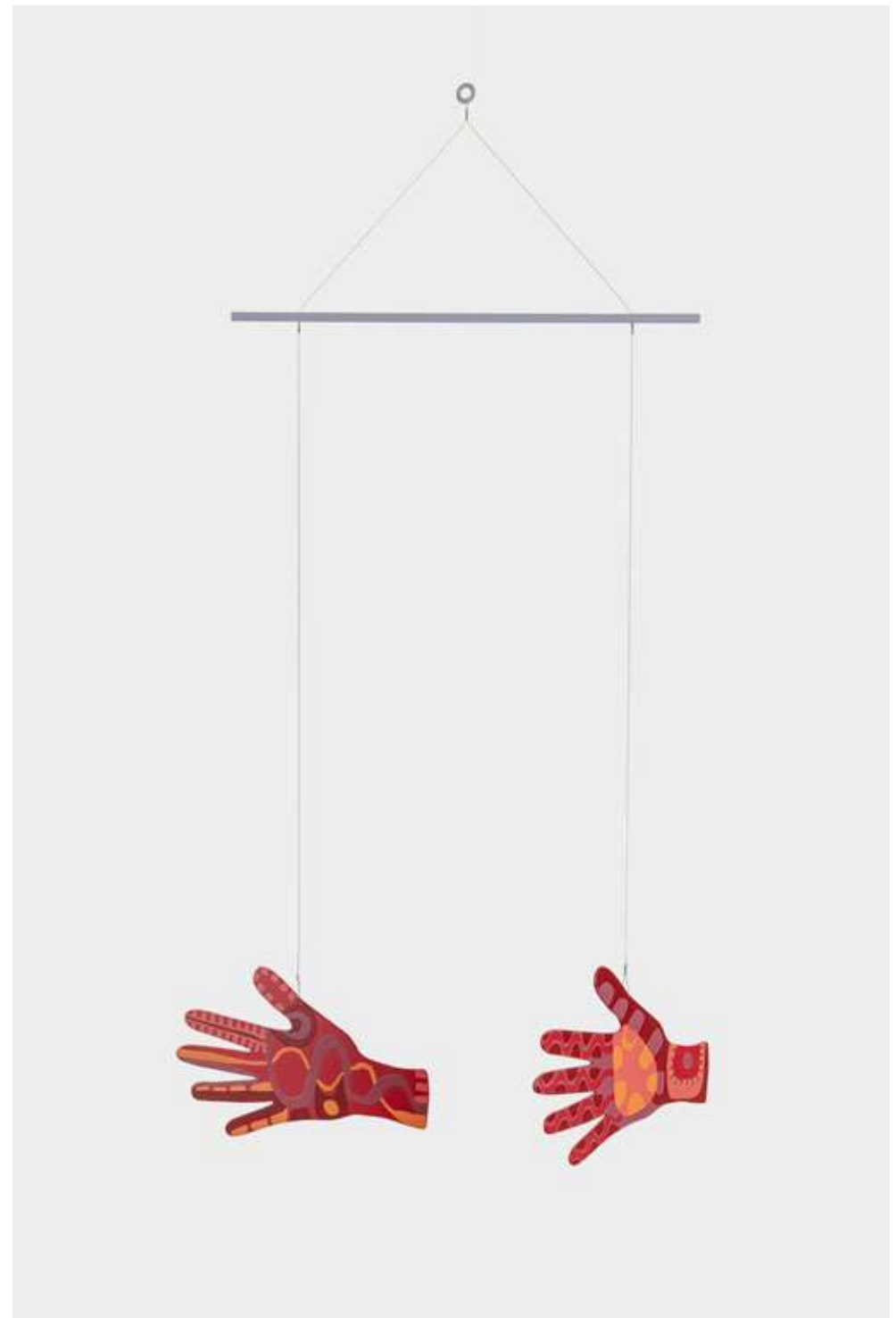
Como vai? Como vai? Como vai? 2

2023

90 x 54 cm

tinta esmalte sobre mdf e cabos de aço
[enamel paint on mdf and steel cables]

103 0391





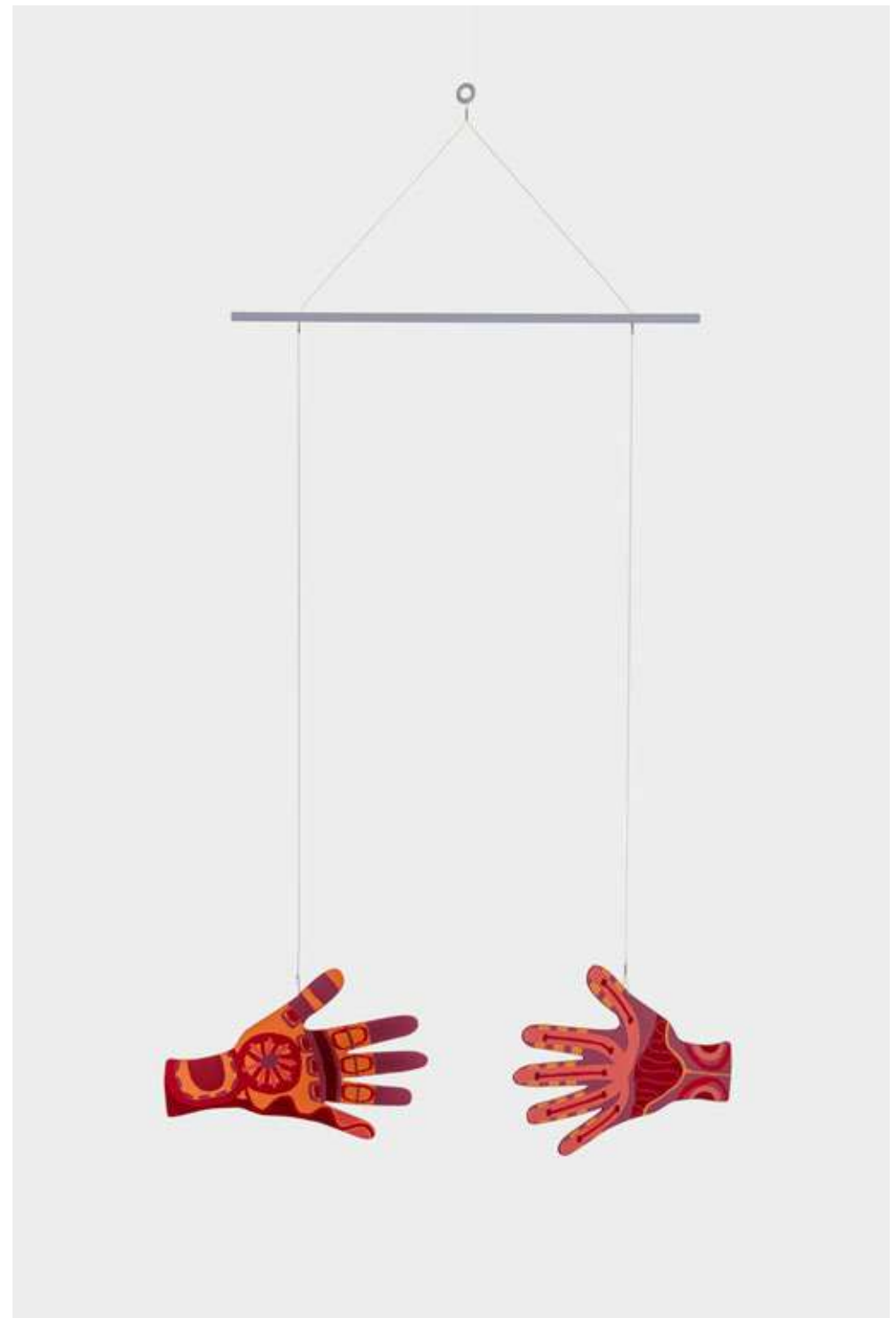
Como vai? Como vai? Como vai? 2

2023

90 x 54 cm

tinta esmalte sobre mdf e cabos de aço
[enamel paint on mdf and steel cables]

103 0391









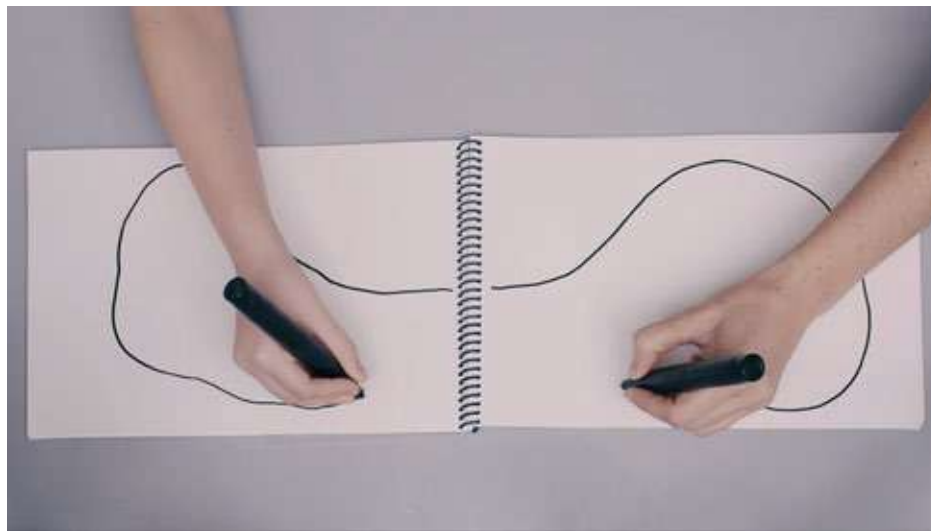


Desenho dançante

2022
22'29"

Vídeo Full HD em 2 canais. Cor e som
[Full HD video in 2 channels. Color and sound]
103 0400





Desenho com

2020

4'34''

Vídeo Full HD 16:9. Cor e som
[Full HD 16:9 video. Color and sound]
103 0401

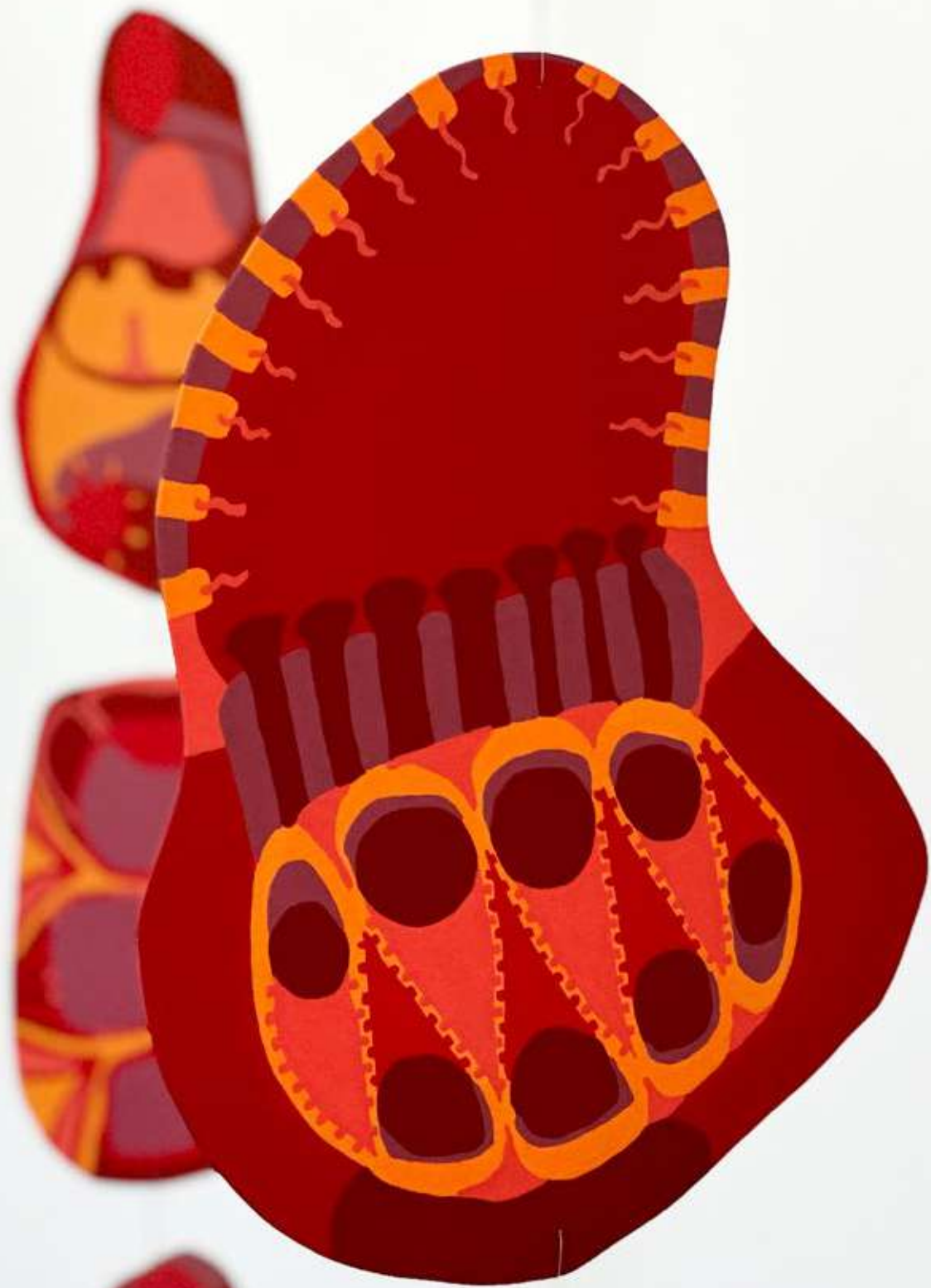
'Desenho com' registra uma performance para a câmera de vídeo realizada entre Lia Chaia e suas filhas. No protocolo, uma dupla por vez tenta realizar o mesmo desenho, de maneira espelhada, em páginas opostas de um caderno.

'Drawing with' records a performance for the video camera carried out between Lia Chaia and her daughters. In the protocol, one pair at a time tries to make the same drawing, in a mirrored manner, on opposite pages of a notebook.









Organoide

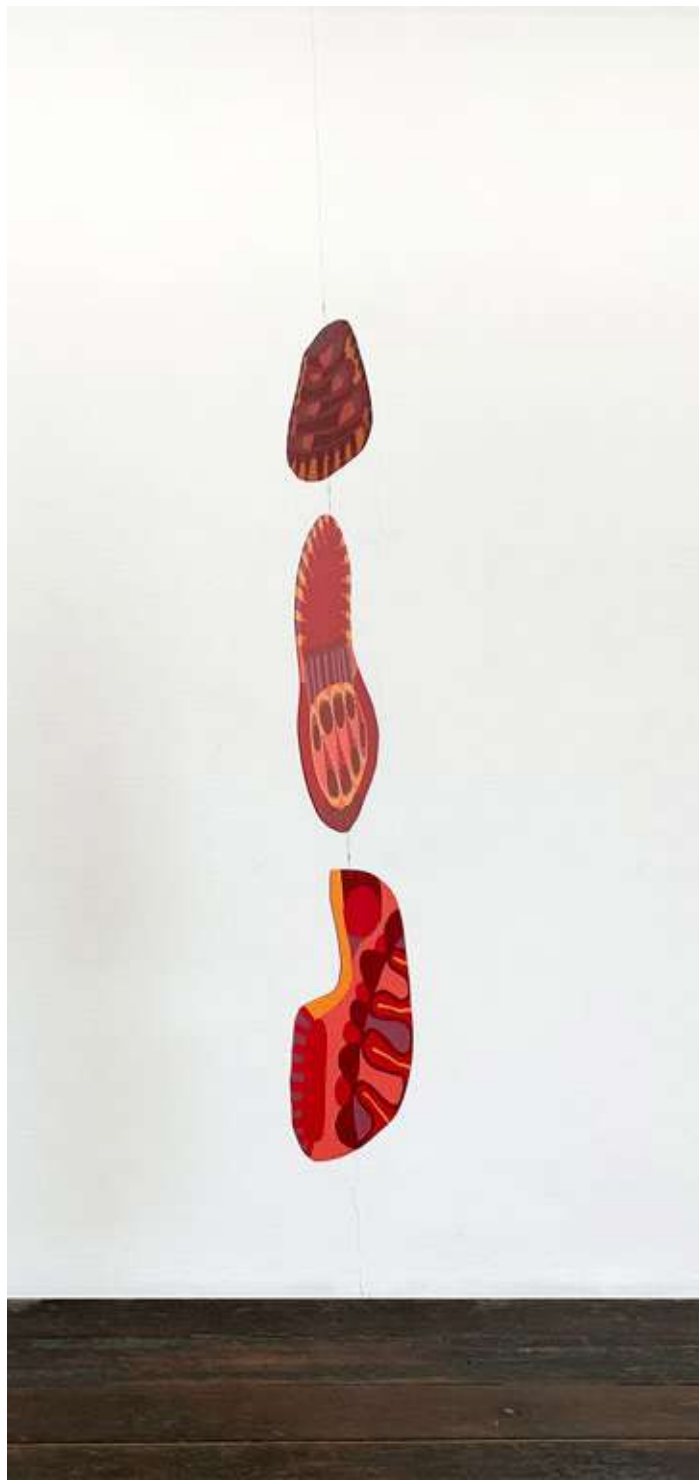
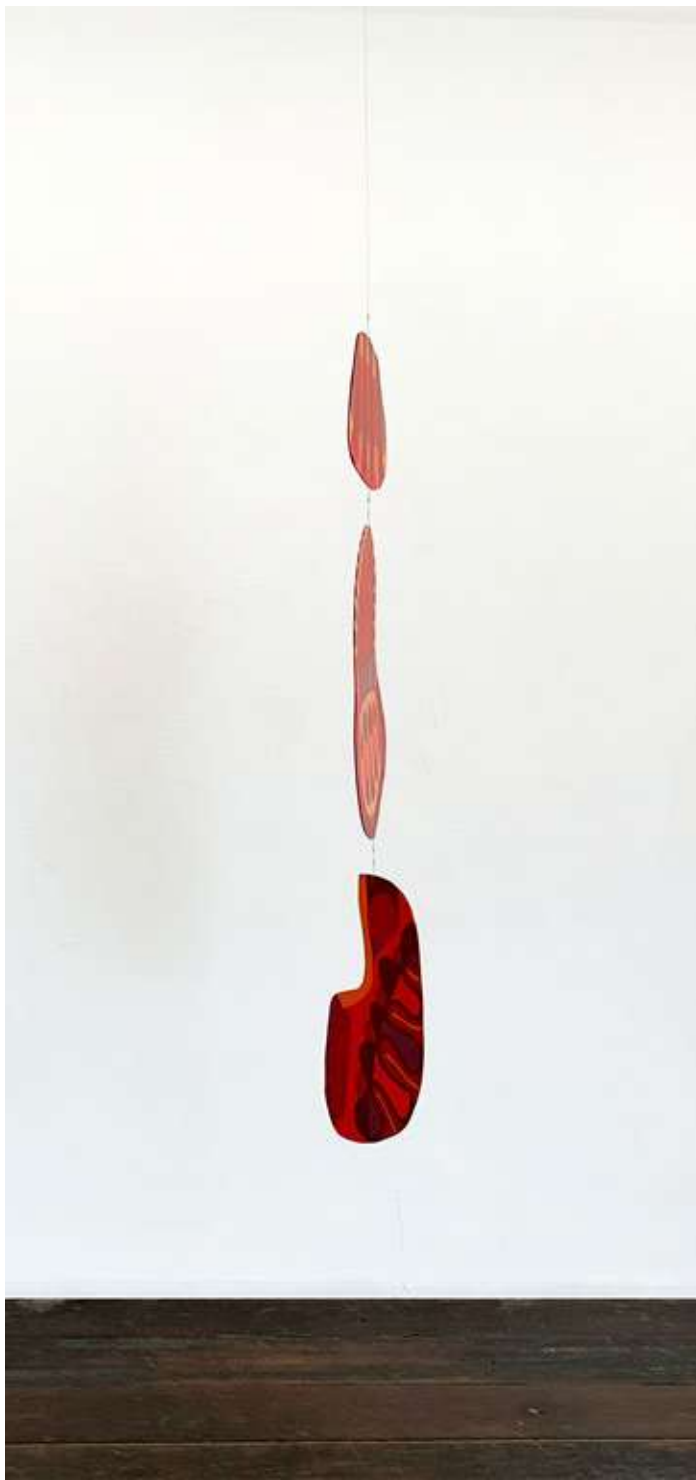
2024

138 x 39 cm (3 peças [3 parts])

MDF de 3mm, base acrílica, tinta esmalte
acetinada e fio de aço
[3mm MDF, acrylic base, satin enamel paint
and steel wire]

103 0404







Organoide

2024

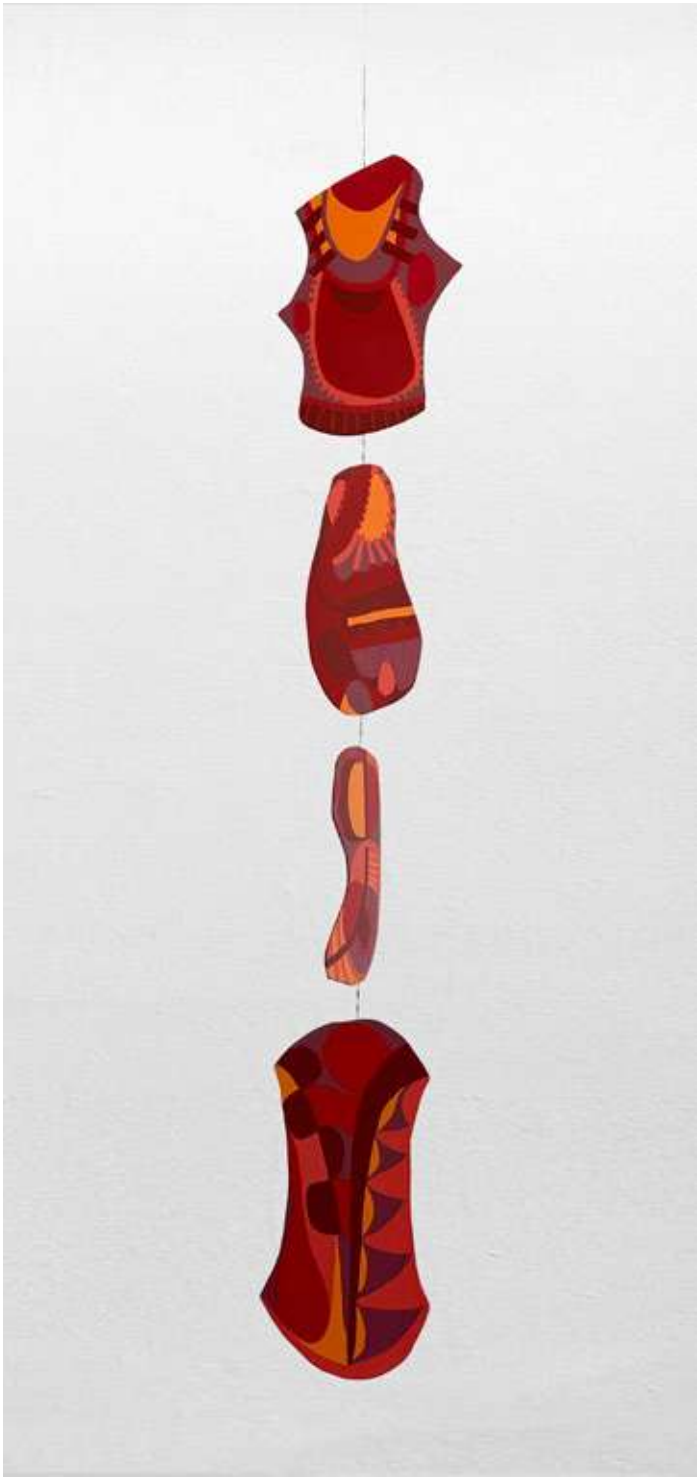
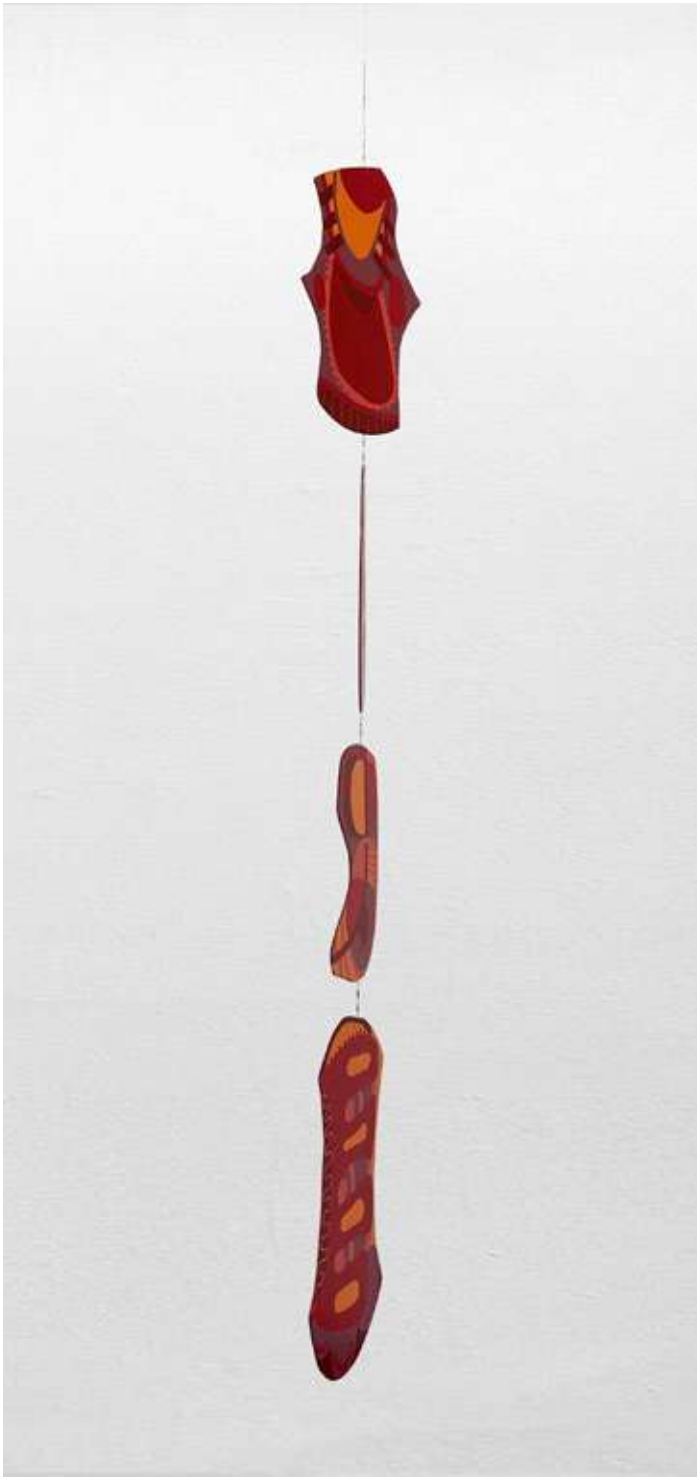
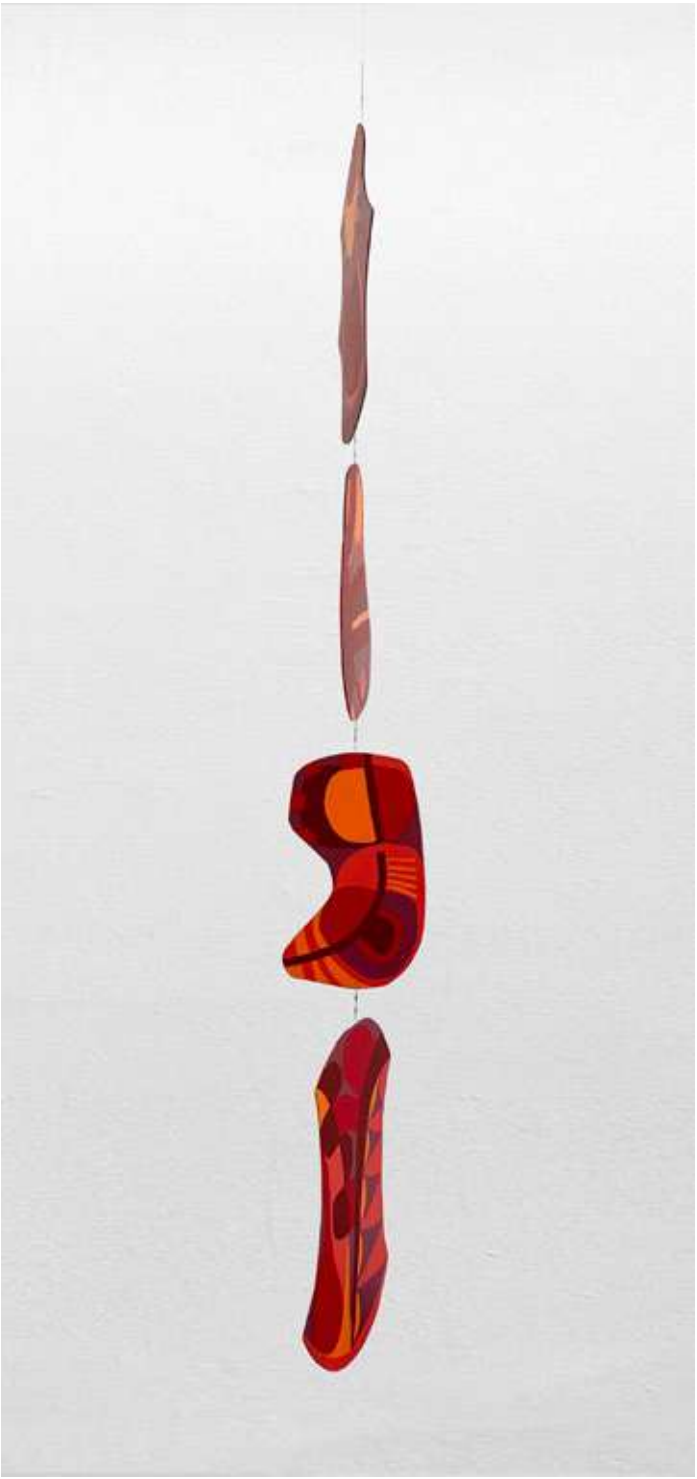
209 x 30 cm (4 peças [4 parts])

MDF de 3mm, base acrílica, tinta esmalte
acetinada e fio de aço

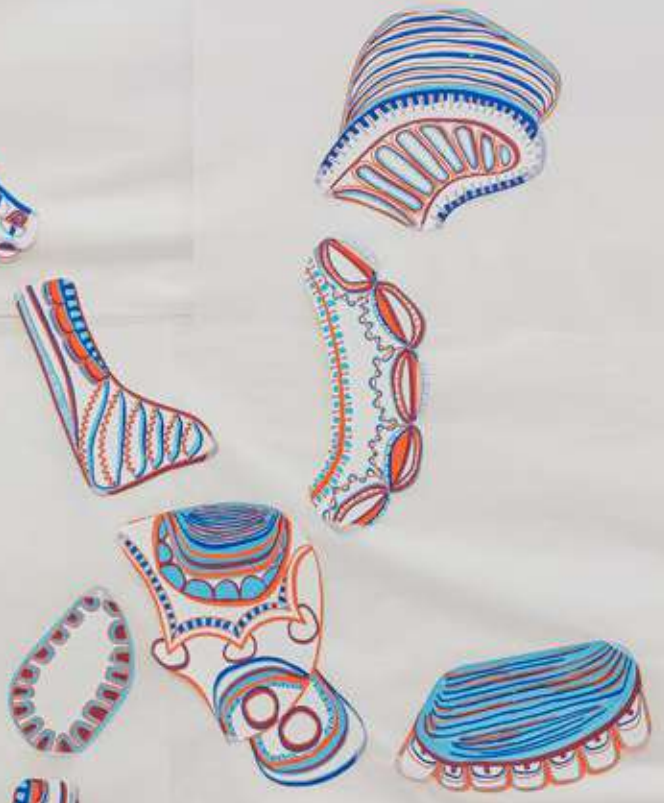
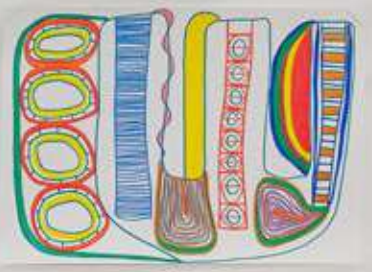
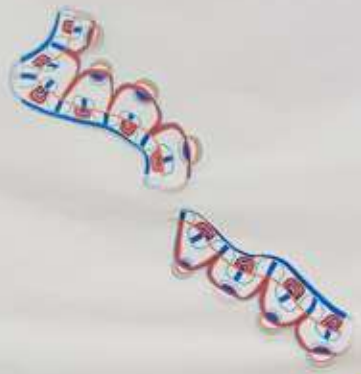
[3mm MDF, acrylic base, satin enamel paint
and steel wire]

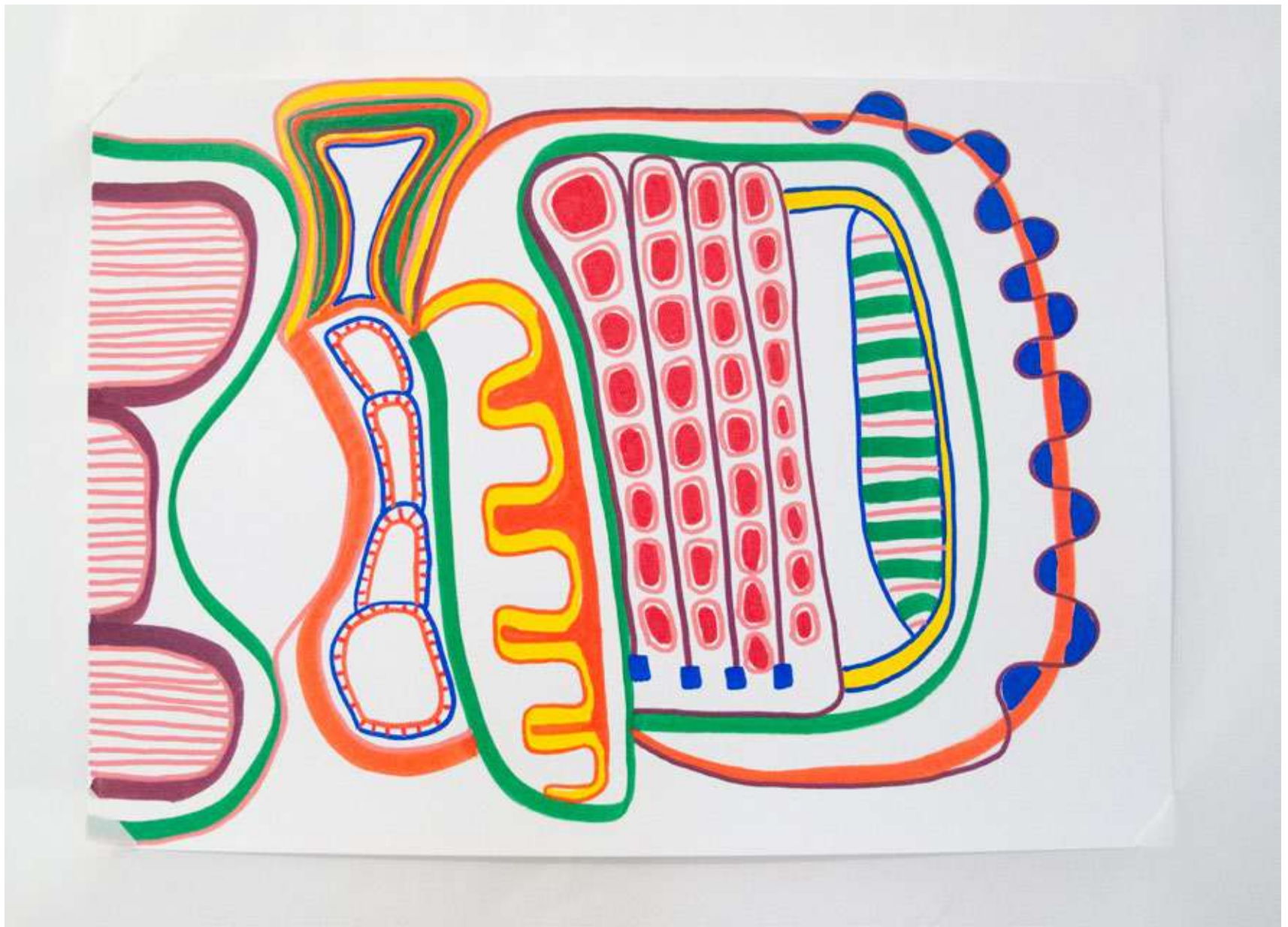
103 0403











Desenho

2024

29,7 x 42 cm

Caneta Posca e verniz a base d'água sobre papel Canson

[Posca pen and water-based varnish on Canson paper]

103 0406



Desenho

2024

21 x 29,7 cm

Caneta Posca e verniz a base d'água sobre papel Canson

[Posca pen and water-based varnish on Canson paper]

103 0407



Desenho articulado

2022

105 x 138 cm

Caneta Posca e verniz a base d'água sobre papel Canson

[Posca pen and water-based varnish on Canson paper]

103 0408





Desenho articulado

2022

75 x 130 cm

Caneta Posca e verniz a base d'água sobre papel Canson

[Posca pen and water-based varnish on Canson paper]

103 0409





ARTIST'S STATEMENT
The artwork is a series of four hand-drawn, abstract, organic shapes in shades of red, orange, and yellow, arranged vertically. The shapes are reminiscent of stylized faces or masks, with large, expressive features. The top shape is the largest and most complex, featuring a prominent, multi-lobed mouth and a large, circular eye. The subsequent shapes below it are smaller and simpler, each with its own unique, stylized features. The overall composition is vertical and balanced, with the shapes appearing to flow downwards.







Véu Útero
2020

5'35'

Vídeo Full HD 4:3. Cor e som
[Full HD 4:3 video. Color and sound]

103 0366



Organoide

2023

122 x 34 cm

Papel Canson, caneta Posca, verniz, papel vegetal e linha de pipa

[Canson paper, Posca pen, varnish, tracing paper and nylon string]

103 0402





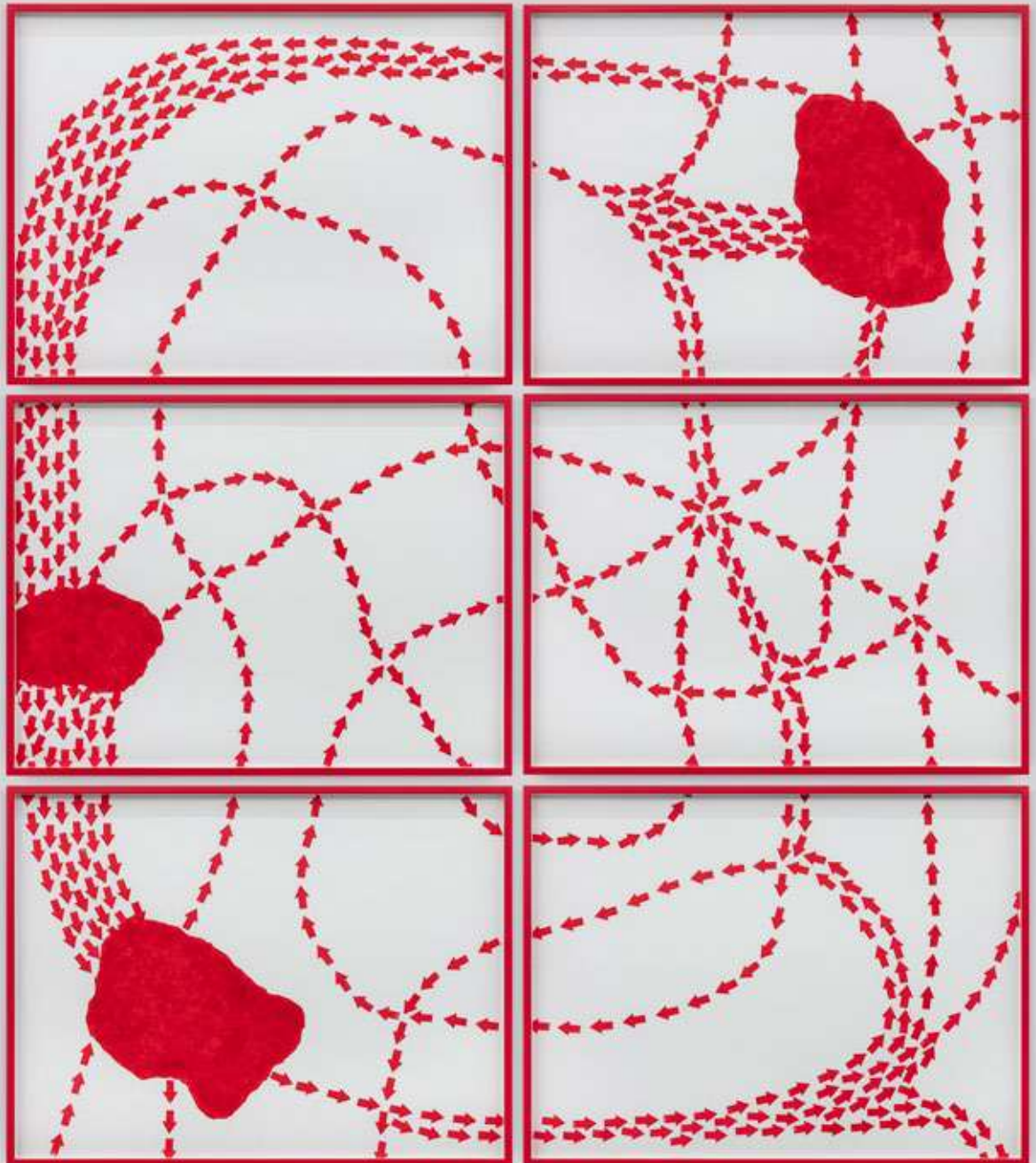




Desenho carimbo seta

2021
225cm x 200cm

tinta para xilogravura a base de água sobre papel Canson
[water soluble block printing ink on Canson paper]
103 0371

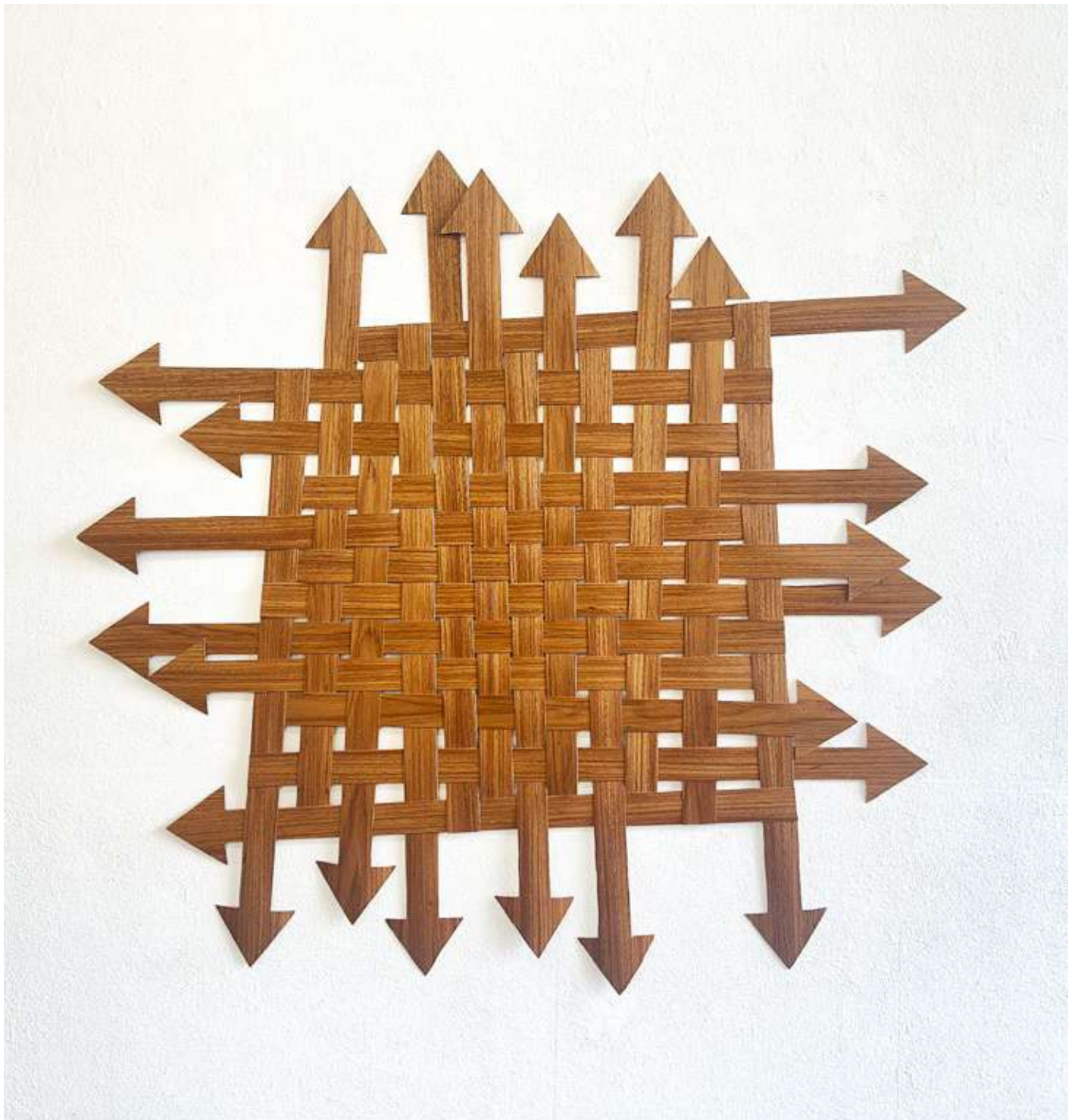


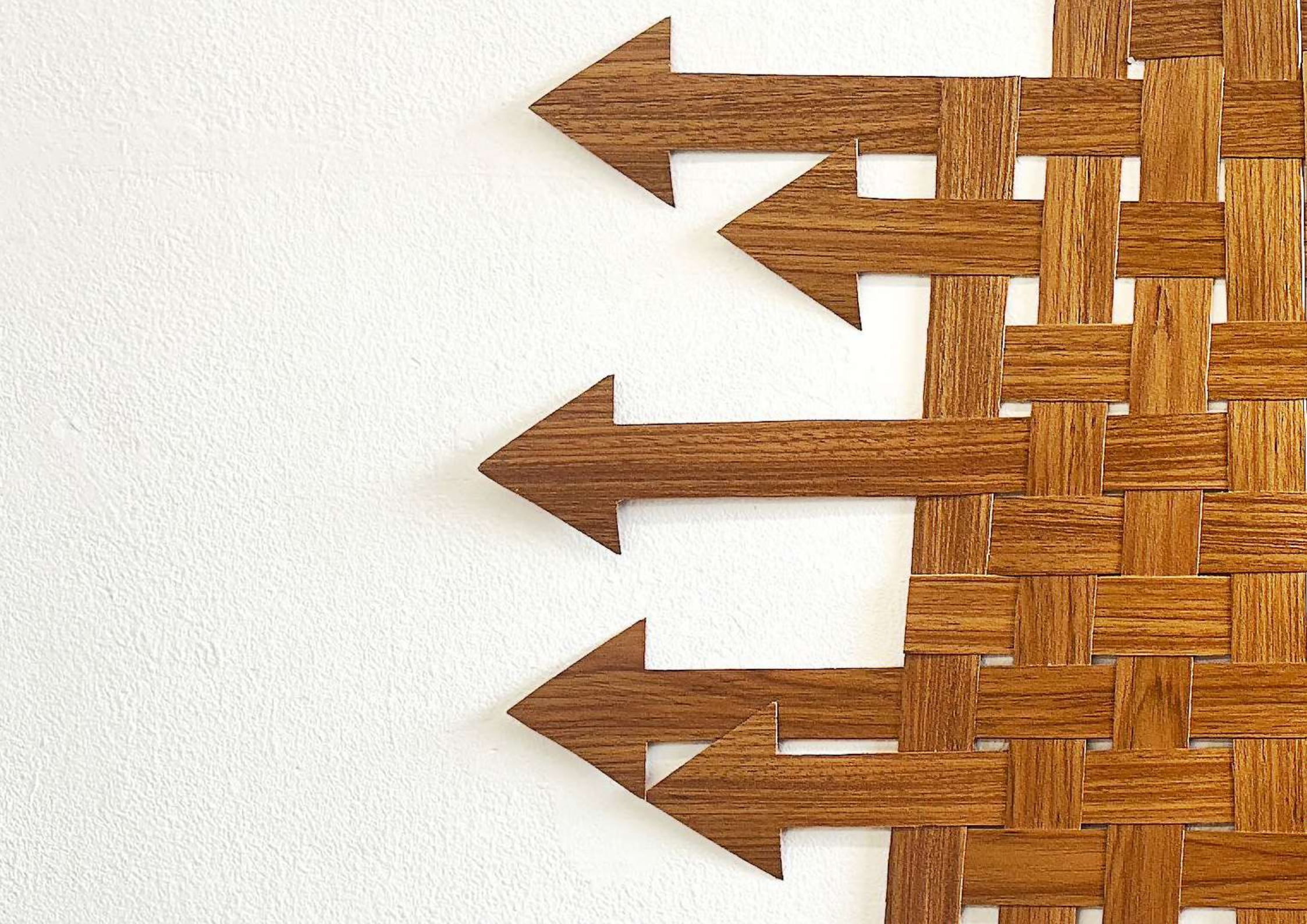


Setas trançadas

2017
100 x 100 cm

lâminas de madeira freijó e verniz fosco
[freijó wood veneers and matte varnish]
103 0308





Vértebra por vértebra 1

2023
154 x 120 cm

Aquarela sakura sobre papel Harmony
Watercolour Hahnemühle 300g.
[Sakura watercolor on Hahnemühle Harmony
Watercolor 300g paper]
103 0392





Desenhando um texto

Thais Rivitti

Esse texto começa com uma chave na mão. Giro a maçaneta e fecho a porta de casa, convencida de que devo experimentar pensar sobre o trabalho da Lia Chaia em movimento. Esse texto não será escrito, será transcrito a partir da gravação dos meus apontamentos durante a caminhada.

Seguir à direita ou à esquerda? Programar para onde ir ou assumir uma deriva mais livre? Não planejo nada, mas decido ir pela esquerda, parte mais movimentada da rua. São nove da noite e ainda tem carros passando, mas já quase não há pedestres. Um primeiro pensamento me incomoda: a falta de luz, à noite, vai prejudicar o experimento. Onde ficarão as cores tão intensas desse conjunto de trabalhos que Lia agora mostra na exposição “Organoide”?

Caminho lentamente. Na minha frente, as pessoas se despedem “Beijo, gente, vão com Deus” é a frase que ouço aqui do lado. É o gancho para eu pensar nesse gesto convencional, o aperto de mãos, com o qual a Lia abre a exposição. Um gesto automático, formal, quase burocrático de dar as boas-vindas. “Como vai? Como vai? Como vai?” Latidos dos cachorros anunciam a minha presença nas casas em que passo pelo caminho, o que não deixa de ser um modo de me saudar. Penso naquelas mãos flutuando no espaço, apartadas de seus corpos, penduradas em móveis e que giram e se movem como uma gangorra. “Como vai? Como vai?” Por que respondemos uma pergunta com outra pergunta e ambas permanecem sem resposta? A pintura na superfície das mãos, que evoca músculos, tendões e articulações, curiosamente se junta à imagem de um teatro de marionetes onde os personagens são manipulados

por fios presos à mão de alguém sempre oculto na cena. Mãos que usam seus tendões e músculos para moverem outras mãos com seus tendões e músculos. “Como vai? Como vai? Como vai?”.

Passando por uma árvore plantada próxima à guia, que exige que meu corpo se desloque, lembro de outros trabalhos da Lia em que natureza e cidade formam um par. Um interrogando o outro, buscando um diálogo às vezes conflitante, às vezes harmonioso. Penso em trabalhos como “Verdejar” em que trepadeiras, plantas tropicais, numa vasta tonalidade de verdes, invadem os muros das construções. Já chegando na esquina, preciso decidir se sigo em frente ou se viro à esquerda. A opção da direita nem é cogitada: uma subida muito íngreme inibiria meus pensamentos. É preciso encontrar um equilíbrio entre raciocínio e esforço físico. Acabo seguindo em frente. Observo a lua embaçada no céu, criando assim um eixo vertical na caminhada que, a princípio, se estabelece no plano horizontal. Vindo em minha direção, reconheço alguém vagamente familiar, um vizinho que frequenta os restaurantes e padarias da região. Nos cruzamos.

Conforme avanço, avança também a exposição da Lia. Passada essa primeira sala, em que os objetos flutuam, chegamos no centro da galeria sutilmente modificado. Transformado no coração pulsante da exposição no qual encontra-se o vídeo “Desenho dançante” em que a artista projeta em seu próprio corpo uma série de desenhos que passam a caminhar na superfície de sua pele. Os desenhos passeiam, movendo-se, até desaparecerem. O corpo parado da artista aparece em um enquadramento específico.

...
Sem pé nem cabeça: apenas o tronco. Assemelha-se um pouco às árvores que encontro no caminho das quais não percebo nem a raiz nem a copa, observo apenas aquilo que está na altura do meu olho. Um corpo-árvore que, embora vivo, se faz de suporte nos convidando a pensar na relação entre superfície e interioridade. Haveria alguma correspondência entre as formas que vemos passar pelo corpo da artista e seus movimentos internos? Digestão, respiração, concentração, pensamentos?

Passo por uma hamburgueria que tem duas mesas ocupadas. Chego a um posto de gasolina completamente iluminado. Desvio dos carros, das pessoas das mesas na calçada. A farmácia, observo, está aberta. Viro à esquerda novamente, numa rua bastante escura, mas que julgo segura a essa hora. Não quero voltar pelo mesmo caminho.

Os portões e janelas que escoltam meu passeio me lembram das pequenas intervenções que a artista fez na arquitetura da galeria. Vejo grades de metal, cobogós, arame farpado em forma de espiral em cima do muro alto e até um vidro fumê na janela. Na galeria, Lia não criou um ambiente completamente fechado. Mas, de certa forma, construiu uma interioridade naquele vão que - no projeto arquitetônico - funciona como espaço de articulação e comunicação entre os demais. O que há dentro de cada uma dessas casas pelas quais estou passando agora? Será que tem alguém assistindo TV? Uma criança chorando? Na galeria vemos um espaço mais recluso, ambiente delicado, protegido, uma penumbra iluminada apenas pela luz da TV.

Volto à relação entre desenho e suporte observando as pichações e os grafites: quem passa por eles sou eu ou são eles que passam por mim? Me diverte pensar que meu corpo também é impregnado pelos desenhos e grafismos da cidade. O trabalho da Lia já me ensinou que a cidade é suporte, tanto quanto uma tela esticada num chassi. Nessa zona mais escura do percurso, não sei se devo apertar o passo, mantê-lo na mesma frequência ou ainda andar mais devagar e cuidadosamente para evitar que tropece. Passo em frente à primeira escola do meu filho. O que me leva a outro vídeo da exposição, "Desenho com", um trabalho em que mãe e filhas fazem um desenho espelhado. Ambas fazem o mesmo caminho, uma copiando a outra. Mas o resultado é sempre um pouco diferente. Aquele curto percurso de poucos metros que separava minha casa da escola, feito automaticamente por mim, na pressa dos dias, dos trabalhos, dos prazos, das contas, era, para meu filho, em tempos pandêmicos, toda sua circulação em espaço público. Cercada de novidades, de apreensão e desafios.

Passo pelo portão dos fundos de minha própria casa, ponto de partida dessa caminhada. Tal como o vídeo de Lia, "Desenho dançante", frente e verso se apresentam, mas nunca simultaneamente. Os desenhos projetados no seu corpo sobrepõem-se a ele de modo a juntar essas duas presenças, fazê-las habitar o mesmo espaço. Na montagem do vídeo, as duas telas são colocadas de costas uma para outra como a engolir o volume do corpo.

Adio por um momento a volta para casa pois sinto que há mais a ser pensado. Estico o passeio até a outra esquina, mesmo sabendo que na volta vou percorrer a mesma calçada, para não aumentar demasiadamente o passeio. O cheiro da pizzaria da esquina me lembra de que ainda não jantei. Volto pelo mesmo lado que vim. Se tomarmos essa minha caminhada como um desenho, a linha que traço agora passaria em cima da outra.

No segundo andar, a exposição torna-se mais abstrata, separa-se mais da imagem do corpo físico, humano, tal como o reconhecemos. Não vemos mais o corpo da artista, suas formas femininas, sua maciez, sua beleza. Mas permanece dele algo forte, a coluna vertebral, que nossa espécie compartilha com tantas outras. Os “Organóides” são formados por placas feitas da mesma matéria das mãos de “Como vai?..” São formas arredondadas, planas, que pendem do teto criando uma linha vertical. Em cada pedaço - ou vértebra - vemos, pintadas, estruturas orgânicas: sangue, células, membranas, nervos, músculo, gordura são algumas das palavras que me ocorrem tentando decifrar o que aquelas pequenas partes articuladas condensam. Uma variedade de tecidos em formação que se expandem verticalmente, sendo a base desse organismo ainda em construção. Em “Vértebra por Vértebra” a coluna é desmembrada, rearticulada, fragmentada, misturada a outras. Perde, aos poucos, sua função de sustentação. Há algo nelas que me lembra os diagramas de dança de Warhol, mas essa dança performada pelas colunas é também embaralhamento, confusão, dissolução. Movimentos impossíveis para o corpo humano.

Estou parada em frente a minha casa. Já é hora de entrar? Em frente ao meu portão, observando os pneus dos carros, as marcas que deixam no asfalto, vejo também ali as vértebras da Lia, espalhadas pela cidade. A chuva parece começar a querer cair nessa noite quente. O desenho que acabei de traçar nas calçadas pode se dissolver, ou se alterar, tomando formas inesperadas. Há algo dessa dissolução iminente no grande painel de desenhos que Lia monta no primeiro andar. Vemos ali o movimento das mãos, solto, ritmado. Um descondicionamento do corpo. Alguns deles foram, de fato, feitos com a mão direita (Lia é canhota). Eles pulsam e propõem articulações entre si, porém não se fecham em um único significativo.

A calçada em frente a minha casa tem aquelas lajotas pretas e brancas que, montadas de um jeito específico, perfazem os contornos do Estado de São Paulo. Uma combinação simples entre lajotas pretas, brancas e metade pretas e metade brancas, dividindo o ladrilho na diagonal, gerando um desenho geométrico, modular, com ângulos precisos. Os desenhos da Lia vão em outra direção, usam cores, criam texturas, parecem estar em movimento, relacionam-se uns com os outros como seres que se atraem e repelem. Formas orgânicas que misturam fauna, flora, microrganismos... abro a porta e já estou no jardim de casa, com suas plantas, árvores, teias de aranha, insetos, flores. Uma passarela sinuosa me conduz para dentro de casa.

Drawing a Text

Thais Rivitti

This text begins with a key in hand. I turn the doorknob and close the front door, convinced that I should try to think about Lia Chaia's work in motion. This text will not be written; it will be transcribed from the recording of my notes during the walk.

Go right or left? Plan where to go or just stroll randomly? I plan nothing, but I decide to go left, towards the busiest part of the street. It's nine in the evening, and there are still cars passing by, but there are almost no pedestrians. A first thought bothers me: the lack of light at night will hinder the experiment. Where will the intense colors of this set of works that Lia now shows in the Organoid exhibition be?

I walk slowly. In front of me, people say goodbye, "bye bye, guys. May God be with you," is the phrase I hear from over there. It's the hook for me to think about this conventional gesture, the handshake, with which Lia opens the exhibition. An automatic, formal, almost bureaucratic gesture of welcoming. How are you? How are you? How are you? Dog barks announce my presence in the houses I pass by, which is a way of greeting me. I think of those hands floating in space, separated from their bodies, hanging on mobiles and spinning and moving like a seesaw. "How are you? How are you?" Why do we answer a question with another question and both remain unanswered? The painting on the surface of the hands, which evokes muscles, tendons, and joints, curiously joins the image of a puppet theater where the characters are manipulated by strings attached to the hand of someone always hidden in the scene. Hands that use their tendons and muscles to move other hands with their tendons and muscles. "How are you? How are you? How are you?".

Passing by a tree planted near the curb, which requires my body to move, I remember other works by Lia where nature and the city form a pair. One questioning the other, seeking a dialogue sometimes conflicting, sometimes harmonious. I think of works like Verdejar in which vines, tropical plants, in a vast range of greens, invade the walls of buildings.

Almost reaching the corner, I need to decide whether to go straight or turn left. The right option is not even considered: a very steep climb would inhibit my thoughts. It's necessary to find a balance between reasoning and physical effort. I end up going straight. I observe the hazy moon in the sky, thus creating a vertical axis in the walk that initially establishes itself on the horizontal plane. Coming towards me, I vaguely recognize someone, a neighbor who frequents the restaurants and bakeries in the area. We cross paths.

As I advance, so does Lia's exhibition. Past this first room, where objects float, we reach the center of the gallery subtly modified. Transformed into the beating heart of the exhibition where the video Dancing Drawing is located, in which the artist projects a series of drawings on her own body that begin to walk on the surface of her skin. The drawings stroll, moving, until they disappear. The artist's still body appears in a specific frame. Without feet or head: just the upper body. It somewhat resembles the trees trunks I encounter on the way, of which I do not perceive either the root or the canopy, I only observe what is at eye level. A tree-body that, although alive, serves as support inviting us to think about the relationship between surface and interiority. Is there any correspondence between the forms we see passing

...
through the artist's body and her internal movements?
Digestion, breathing, concentration, thoughts?

I pass by a burger joint with two occupied tables. I reach a brightly lit gas station. I dodge the cars, the people at the tables on the sidewalk. The pharmacy, I notice, is open. I turn left again, down a very dark street, but one that I consider safe at this time. I don't want to go back the same way.

The gates and windows that accompany my walk remind me of the small interventions that the artist made in the gallery's architecture. I see metal grilles, cobogós, barbed wire spiraled on top of the high wall, and even a tinted glass window. In the gallery, Lia did not create a completely closed environment. But, in a way, she built an interiority in that void which, in the architectural project, functions as a space of articulation and communication between the others. What's inside each of these houses I'm passing now? Is there someone watching TV? A child crying? In the gallery, we see a more secluded space, a delicate, protected environment, a twilight illuminated only by the TV light.

I return to the relationship between drawing and support by observing the graffiti and the street art: is it me passing by them or are they passing by me? It amuses me to think that my body is also impregnated by the drawings and graphics of the city. Lia's work has already taught me that the city is a support, as much as a canvas stretched on a frame. In this darker area of the route, I'm not sure if I should quicken my pace, keep it at the same frequency, or even walk slower and more carefully to avoid stumbling. I pass by my

son's first school. This leads me to another video in the exhibition, *Drawing with*, a work in which mother and daughters create a mirrored drawing. Both follow the same path, one copying the other. But the result is always slightly different. That short distance of a few meters that separated my house from the school, done automatically by me in the rush of days, work, deadlines, bills, was, for my son, in pandemic times, his entire circulation in public space. Surrounded by novelties, apprehension, and challenges.

I pass by the back gate of my own house, the starting point of this walk. Just like Lia's video, *Dancing Drawing*, front and back are presented, but never simultaneously. The drawings projected on her body overlap it in a way that brings these two presences together, makes them inhabit the same space. In the video montage, the two screens are placed back to back as if swallowing the volume of the body. I postpone for a moment the return home because I feel there is more to be thought about. I extend the walk to the other corner, even knowing that on the way back I will walk the same sidewalk, so as not to excessively extend the walk. The smell of the pizzeria on the corner reminds me that I haven't had dinner yet. I return on the same side I came from. If we take this walk of mine as a drawing, the line I trace now would overlap the other.

On the second floor, the exhibition becomes more abstract, separating itself further from the image of the physical, human body, as we recognize it. We no longer see the artist's body, her feminine forms, her softness, her beauty. But something strong remains of it, the spinal column, which our species shares with

...
so many others. The Organoids are formed by plates made of the same material as the hands from How are you?.. They are rounded, flat shapes that hang from the ceiling creating a vertical line. In each piece - or vertebra - we see, painted, organic structures: blood, cells, membranes, nerves, muscle, fat are some of the words that come to mind trying to decipher what those small articulated parts condense. A variety of tissues forming that expand vertically, being the base of this still under construction organism. In "Vertebra by Vertebra" the spine is dismembered, rearticulated, fragmented, mixed with others. It gradually loses its supporting function. There is something in them that reminds me of Warhol's dance diagrams, but this dance performed by the columns is also a shuffle, confusion, dissolution. Movements impossible for the human body.

I am standing in front of my house. Is it time to go in? In front of my gate, observing the car tires, and the marks they leave on the asphalt, I also see there Lia's vertebrae, scattered throughout the city. The rain seems to want to fall on this hot night. The drawing I just traced on the sidewalks can dissolve, or change, taking unexpected forms. There is something of this imminent dissolution in the large panel of drawings that Lia sets up on the first floor. We see there the movement of hands, loose, rhythmic. A body's deconditioning. Some of them were indeed made with the right hand (Lia is left-handed). They pulsate and propose articulations between themselves, but they do not close into a single signifier.

The sidewalk in front of my house has those black and white tiles that, arranged in a specific way, form the outlines of the State of São Paulo. A simple combination of black tiles, white tiles, and half black and half white tiles, dividing the tile diagonally, creating a geometric, modular design with precise angles. Lia's drawings go in another direction, they use colors, create textures, seem to be in motion, relate to each other like beings that attract and repel each other. Organic forms that mix fauna, flora, microorganisms... I open the door and I'm already in the garden of the house, with its plants, trees, spider webs, insects, flowers. A winding walkway leads me inside the house.

Lia Chaia: Organoide

Gabriel Zimbardi

Em dezembro de 2021, Lia Chaia sofreu uma queda de bicicleta que a forçou a passar por uma cirurgia reconstrutiva em sua mão esquerda, sua mão dominante. Uma segunda cirurgia ocorreu em julho de 2022, para concluir a reconstrução e remover os pinos que foram instalados para conter seus músculos e ossos. O contratempo, que seria um obstáculo para qualquer pessoa, afetou diretamente o fazer artístico de Chaia, que tem o desenho como uma prática constante em sua obra.

Não por acaso, sua 11ª exposição na Vermelho começa com os móveis da série “Como vai? Como vai? Como vai?” (2023), um conjunto de 7 pares de mãos que se movem pelo espaço da galeria, às vezes se cumprimentando, às vezes se evitando. O título, além de fazer referência à clássica música infantil gravada pelo palhaço Arrelia em 1957 (Chaia tem a prática do Clown, ou Palhaço, como um dos instrumentos de seu fazer performático), faz referência a uma mudança cultural que a artista já notara durante a pandemia de Covid-19: o ato automático de cumprimentar alguém dizendo “como vai?” ou “tudo bem?” já não era mais válido. Não apenas pelas tensões causadas pelo vírus, mas também pela instabilidade política enfrentada pelo país e, agora, pela perda de sua autonomia manual. Os móveis de Chaia colocam a pergunta – “Como vai?” –, mas não entregam resposta.

Lia Chaia também menciona os mágicos, a quiromancia e as borboletas como referências estruturantes da série, aludindo à interseção entre o divino e a ciência. Os mágicos, ou ilusionistas, embora aparentemente desafiar as leis da física,

normalmente se utilizam da própria física para criar espanto. A quiromancia, mesmo amplamente tida como uma pseudociência da adivinhação, é defendida por pessoas que a ligam à medicina chinesa e às antigas tradições indianas. As borboletas carregam diversas representações simbólicas, principalmente baseadas em seu processo de metamorfose. Muitas lendas e mitos da cultura mexicana relacionam as borboletas com a morte, enquanto os espíritas as ligam à renovação, por exemplo.

Os padrões pintados por Chaia sobre as peças dos móveis apontam para uma bifurcação em sua prática. A artista é conhecida por suas obras que exploram a inserção do corpo em paisagens urbanas e naturais, e é um dos nomes que definiu a Geração 2000. Esse grupo tem um intenso olhar voltado aos modelos de urbanização que tomaram o Brasil Moderno, aquele modelo desenvolvimentista do meio do século passado que acreditava na lógica de que o país estava fadado a um devir grandioso, mas que nunca se realizou.

As pinturas, desenhos e vídeos de Chaia agora se voltam ao interior do corpo, com padrões abstratos que remetem à epiderme, derme, hipoderme, órgãos, ossos e músculos. Suas estruturas, no entanto, também lembram percursos ou padrões tribais indefinidos. Grande parte dessa abstração “solta” veio com o uso da mão direita que Chaia passou a usar para trabalhar.

O interior da Sala 1 foi escurecido e pintado de vermelho encarnado para receber a videoinstalação

...
“Desenho dançante”, de 2022. Dois monitores flutuam no centro da sala, de costas um para o outro. Nas imagens, vemos o corpo nu de Lia Chaia, sobre o qual são projetados desenhos que são manipulados por duas mãos. Os desenhos se assemelham aos padrões das mãos de “Como vai? Como vai? Como vai?” e são estruturados como arabescos e volutas que vão se contorcendo, como se o interior do corpo de Chaia pudesse ser visto de fora. Cada monitor mostra um lado do corpo: a frente ou as costas, que são alternados durante a exibição. O som da instalação reproduz diferentes sons de vento, com sons de conchas, bambus e cristais. O vento é o único elemento externo que surge na exposição, tanto no som de “Desenho dançante”, que invade todas as salas da exposição, quanto pelo vento em si, que pode entrar nas salas através de telas que a artista usou para fechar as grandes portas da Sala 1. As telas de sarnet escurecem o espaço, mas permitem que o vento atravessasse a exposição, fazendo os móveis dançarem e trazendo sensorialidade para quem visita a mostra.

Na Sala 2, um grande mural de papel de seda trançado cria uma parede-dispositivo para desenhos de Chaia. Alguns dos desenhos formam os conjuntos que foram usados na projeção de “Desenho dançante”, outros são individuais. Juntos eles formam um grande sistema inspirado por uma conversa que Lia Chaia teve em uma de suas visitas ao hospital, quando alguém falou para ela sobre os organoides.

Os organoides recriam, in vitro, um sistema fisiológico que permite que pesquisadores

investiguem questões multidimensionais complexas, como o surgimento de doenças, regeneração de tecidos e interações entre órgãos. Os organoides são um tipo de cultura celular 3D que contém tipos de células específicas de órgãos, que podem exibir sua organização espacial e replicar algumas funções de determinado órgão. Os Organoides de Chaia, que dão nome à exposição, são móveis ameboides que ocupam o espaço da Sala 2. Aqui, eles já não têm formas reconhecíveis, são peças de formato orgânico unidas por fios de aço, que dançam conforme o vento os atravessa. A reconstrução de sua mão pela ciência levou a artista a celebrar o avanço das pesquisas que tornam natural o que é sintético, ou que sintetizaram o natural.

Lia Chaia: Organoid

Gabriel Zimbardi

In December 2021, Lia Chaia suffered a bicycle accident that forced her to undergo reconstructive surgery on her left hand, her dominant hand. A second surgery took place in July 2022, to complete the reconstruction and to remove the pins that were installed to stabilize her muscles and bones. The setback, which would be a challenge for anyone, directly affected Chaia's artistic practice, as drawing is a constant element in her work.

Not by chance, her 11th exhibition at Vermelho begins with the mobiles from the series "Como vai? Como vai? Como vai?" [How are you? How are you? How are you?] (2023), a set of 7 pairs of hands moving through the gallery space, sometimes greeting, sometimes avoiding each other. The title, besides referencing a classic Brazilian children's song recorded by the clown Arrelia in 1957 (Chaia has the practice of Clown as one of the instruments of her performative work), refers to a cultural shift that the artist had already noticed during the Covid-19 pandemic: the automatic act of greeting someone by saying "how are you?" or "everything okay?" was no longer valid. Not only because of the tensions caused by the virus, but also because of the political instability faced by the country and now, by the loss of her manual autonomy. Chaia's mobiles pose the question - "How are you?" - but do not provide an answer.

Lia Chaia also mentions magicians, cheiromancy, and butterflies as structuring references of the series, alluding to the intersection between the divine and science. Magicians, or illusionists, although they seem to defy the laws of physics, typically utilize

physics itself to create astonishment. Palm reading, although widely regarded as a pseudoscience of divination, is advocated by individuals who connect it to Chinese medicine and ancient Indian traditions. Butterflies carry various symbolic representations, primarily based on their process of metamorphosis. Many legends and myths in Mexican culture relate butterflies to death, while spiritism connects them to renewal, for example.

The patterns painted by Chaia on the mobiles point to a turn in her practice. The artist is known for her works that explore the insertion of the body into urban and natural landscapes and is one of the names that defined the Generation 2000 in Brazil. This group has an intense focus on the models of urbanization that took place in Modern Brazil, a developmentalist model from the mid XXth century that believed in the logic that the country was destined for a grandiose future, but which never materialized.

Chaia's paintings, drawings, and videos now turn inward to the body, with abstract patterns that evoke the epidermis, dermis, hypodermis, organs, bones, and muscles. Their structures, however, also recall undefined pathways or tribal patterns. Much of this "loose" abstraction came with the use of the right hand that Chaia started using for her work.

The interior of Hall 1 was darkened and painted crimson red to receive the video installation "Desenho dançante" [Dancing Drawing], from 2022. Two monitors float in the center of the room, back-to-back. In the images, we see Lia Chaia's naked

body, upon which drawings are projected and manipulated by two hands. The drawings resemble the patterns from “Como vai? Como vai? Como vai?” and are structured like arabesques and volutes that twist and turn, as if Chaia’s interior body could be seen from the outside. Each monitor shows one side of the body: the front or the back, which alternate during the exhibition. The sound of the installation reproduces different wind chimes, with sounds of shells, bamboo, and crystals. The wind is the only external element that appears in the exhibition, both in the sound of “Desenho dançante,” which permeates all the spaces of the exhibition, and by the wind itself, which can enter the rooms through screens that the artist used to close the large doors of Hall 1. The screens darken the space but allow the wind to pass through the exhibition, making the mobiles dance and bringing sensory experience to those who visit the show.

In Hall 2, a large woven Glassine paper mural creates a wall-device for Chaia’s drawings. Some of the drawings form sets that were used in the projection of “Desenho dançante”. Together they form a large system inspired by a conversation Lia Chaia had during one of her visits to the hospital when someone mentioned organoids to her.

The organoids recreate, in vitro, a physiological system that allows researchers to investigate complex multidimensional issues such as the emergence of diseases, tissue regeneration, and interactions between organs. Organoids are a type of 3D cell culture that contains specific types of cells from organs, which can exhibit their spatial

organization and replicate some functions of a particular organ. Chaia’s Organoids, which give name to the exhibition, are amoeboid mobiles that occupy the space of Room 2. Here, they no longer have recognizable forms, they are pieces of organic shape joined by steel wires, dancing as the wind passes through them. The reconstruction of her hand by science led the artist to celebrate the progress of research that makes natural what is synthetic, or that synthesized the natural.

VERMELHO

Rua Minas Gerais, 350
01224 010
São Paulo, Brasil

galeriavermelho.com.br
+55 11 3138 1520
info@galeriavermelho.com.br